

## **Educação, saúde e divertimento em meio à natureza na cidade de São Paulo (anos 1920): representações na grande imprensa**

Samuel Ribeiro dos Santos Neto

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

O início do século XX foi marcado, em São Paulo, pelo advento de novas práticas culturais, usos do corpo e sensibilidades em relação à ideia de natureza. Era um contexto no qual ganhava força a imagem de uma natureza reinventada pelo ideário urbano, idealizada e oposta tanto ao mundo rural quanto às agruras da industrialização. Nessa perspectiva, os elementos do mundo natural – o ar puro, as águas, as áreas verdes, a luz solar – tornaram-se elementos de cura, modernidade, beleza, divertimento e educação, passando a fazer parte de múltiplos discursos. Essa natureza, historicamente construída, estava presente nas concepções pedagógicas, nos colóquios médico-higienistas, nas políticas urbanistas e nas publicidades. Fazia-se presente, também, no cotidiano de escolas, clubes, associações esportivas, sanatórios, estâncias hidrominerais, entre outros. O presente estudo teve por objetivo interpretar, em uma abordagem generalista, as diferentes representações sobre as práticas na natureza presentes na imprensa paulistana dos anos 1920, período fértil no que tange ao tema. Metodologicamente, a pesquisa se aproximou da história cultural, guiando-se pelas concepções de práticas e representações, encaradas em sua indissociabilidade e a partir das discussões de Roger Chartier e Michel de Certeau. Pretendeu-se, especificamente, fazer uma contribuição histórica que se preocupasse com as dimensões da sensibilidade e da percepção ligadas ao corpo e à sua relação com a natureza. As fontes do estudo foram constituídas por periódicos de grande circulação do período: O Estado de S. Paulo e o Correio Paulistano. As diferentes publicações – colunas, reportagens, notas, imagens, anúncios – foram encaradas como peças dotadas de representações específicas e interesses políticos, culturais, econômicos e editoriais, vestígios a partir dos quais o problema de pesquisa pôde conduzir uma interpretação. Na análise dessas fontes, foi identificada uma valorização transversal e ampla da vida na natureza, bem como indícios de uma multiplicidade de práticas feitas ao ar livre. Os parques e bosques eram exaltados, e neles instituições organizavam piqueniques, festivais esportivos, bailes, apresentações de orquestra, entre outras atividades. Em colunas de especialistas, era frequente a defesa da educação escolar ao ar livre, com excursões em matas e espaços abertos. Publicidades de colégios, mas também de automóveis, de empreendimentos imobiliários e de medicamentos faziam referência às vantagens da vida na natureza, fosse para a saúde, para o intelecto ou para a formação moral do povo paulistano. Por fim, o banho de sol eram defendido por médicos e oferecido em centros de cura e tratamento, além de ser retratado como elemento de moda, beleza e prestígio. Em suma, a pesquisa indicou que as representações da natureza e da vida ao ar livre atravessavam diferentes campos e estavam presentes tanto no imaginário quanto no cotidiano prático dos paulistanos, tornando-se um importante elemento de configuração cultural da cidade de São Paulo durante a década de 1920 e apontando para novos modelos de educação – especialmente uma educação do corpo – adotados naquele período.